

PALCO

JUIZ DE FORA, AGOSTO. 2011. ANO III. Nº 20

ITAMAR FRANCO HISTÓRIA E POLÍTICA

Engenheiro ousado, político carismático. Dono de uma trajetória invejável, Itamar Augusto Cautiero Franco nunca se esqueceu da cidade que o iniciou na carreira política, confiante no jovem que prometera resolver problemas nunca antes solucionados. Nascido a bordo do navio que o trazia com a família da Bahia, aqui foi batizado e aqui se tornou o engenheiro que mudaria os rumos da história do Brasil, formando-se pela Universidade Federal de Juiz de Fora em 1954. Para contar estas e outras histórias, o *Memorial da República Presidente Itamar Franco* está sendo preparado de forma a tornar-se a casa das memórias deste juiz-forano que misturou sua história à história do Brasil. Criado em 2005 para reunir seu acervo, o Instituto Itamar Augusto Franco é o ponto de partida desta iniciativa e registro da história recente da República pela perspectiva de um de seus mais importantes personagens.

dam recortes encadernados ano a ano. Os agradecimentos de Tancredo Neves e o reconhecimento da honestidade de Itamar em depoimento de Sobral Pinto, ambos manuscritos, também compõem o acervo. Das cartas de cidadãos brasileiros direcionadas a Itamar Franco como presidente da República, 800 mil estão arquivadas.

O MEMORIAL

Em 29 de julho, a criação do Memorial, assim como a doação do acervo de Itamar Franco, foi firmada com a UFJF. A cerimônia reuniu e emocionou o reitor da UFJF, Henrique Duque, o prefeito Custódio Mattos, as filhas de Itamar, Georgeana Surerus Franco e Fabiana Franco, além de autoridades políticas e intelectuais do município, reuni-

Foto: Roberto Dornelas



NESTA EDIÇÃO

HOMENAGEM
ÉTICA E COMPROMISSO

CULTURA
EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

DIÁLOGOS ABERTOS
A MODERNIDADE
DE ARCURI

ARTE
OS PERSONAGENS
DA TURMA

MAURICIO DE SOUSA
ENTREVISTA COM
O QUADRINISTA

UNIÃO E INDÚSTRIA
MARCO NA HISTÓRIA

LEITURAS TEMÁTICAS
MAMM E SOCIEDADE

CENTRAL
FIM DE SESSÃO



A cultura de Juiz de Fora deve muito a Itamar. Como presidente da República, sua atuação foi fundamental para que o acervo do poeta Murilo Mendes fosse instalado sob os cuidados da UFJF, no extinto Centro de Estudos Murilo Mendes – hoje Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM). A aquisição do Cine-Theatro Central pela UFJF aconteceu durante o governo Itamar, com recursos do Ministério da Educação, na gestão de Murílio Hingel. Esforços também não foram poupados para o tombamento do teatro pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), em 1994, assim como a restauração do prédio, iniciada em janeiro de 1996, devolvendo a vida e a beleza do espaço tradicional da cidade. Segundo o ex-ministro Murílio Hingel, “a Universidade tem como papel principal levar o conhecimento até as pessoas. Desta forma, nada é mais apropriado do que esta instituição para cuidar da memória de Itamar, que conta parte da história de Juiz de Fora, de Minas Gerais e do Brasil”.

O ACERVO

Através de objetos de infância, é possível ver o menino Itamar, aluno do colégio Granbery, dar os primeiros passos em direção ao conhecimento. As régua e os livros de cálculo, com dedicatórias de seu pai, o também engenheiro Augusto César Stiebler Franco, usados na Faculdade de Engenharia, dão vida à equação que fez com que o mineiro simples conquistasse o mundo. As fotografias do acervo mostram a posse do jovem prefeito de Juiz de Fora, em 1967, cumprindo com promessas de campanha antes mesmo que o primeiro dia de mandato terminasse. Miniaturas de submarinos e aviões; as canetas que utilizou nas posses de seus mandatos; charges dos melhores cartunistas do país; pinturas, esculturas e uma biblioteca com obras raras também são parte das peças que compõem o memorial. Os documentos ocupam várias estantes, assim como os registros de jornais. As prateleiras guar-

dos no anfiteatro do MAMM. Georgeana afirmou que, com a doação do acervo, ela e sua irmã estão levando adiante a vontade do ex-presidente. “A escolha por nosso pai da Universidade como destinatária do acervo foi motivada por duas razões: a vontade de mantê-lo na cidade que tanto amou e a certeza de que a Universidade, comprometida com a promoção da cultura e com a preservação da memória nacional e local, daria a ele o fim predestinado.”

TRANSPARÊNCIA

Projetado para abrigar todo o acervo reunido por Itamar Franco durante sua trajetória política, o Memorial será composto por dois pavimentos, sendo um deles destinado a exposições temáticas e temporárias. Os 900 metros quadrados do Memorial preveem estacionamento, sala de pesquisa, arquivos, almoxarifados, copa, sanitários e uma ambientação que remete ao gabinete que o ex-presidente ocupava, com a mobília original. A preocupação em harmonizar o prédio do Memorial com o MAMM, do qual será vizinho, se traduz no mesmo estilo arquitetônico, porém com uma releitura contemporânea e dinâmica, segundo o arquiteto Rogério Mascarenhas, responsável pelo projeto. A simplicidade, a sobriedade e a transparência que identificam o governo Itamar ganham tradução nas linhas arquitetônicas do Memorial. A arquitetura dinâmica sugere relação com o momento de transição pelo qual o Brasil passou governado por Itamar. Amigo de Itamar Franco por mais de 30 anos, o historiador Roberto Dilly aponta para o cuidado que se deve atribuir a todo o patrimônio do ex-presidente: “Terão que se preocupar com o ‘sentimento’ do memorial, fazendo jus às lembranças de Itamar e ao carinho empregado em cada decisão política, em cada realização. Foram muitas as colunas erguidas, as reformas, mas os maiores feitos de Itamar são os grandes homens que ajudou a construir, assim como ele mesmo o era”.



HOMENAGEM EVIDENCIADO GUERREIRO

Há homens que lutam um dia e são bons; há outros que lutam um ano e são melhores; há aqueles que lutam muitos anos e são muito bons; porém há os que lutam toda a vida, estes são fundamentais, disse Brecht, reflexão pela qual expressamos a trajetória do nosso presidente Itamar Augusto Cautiero Franco, homem modesto e evidenciado guerreiro comprometido com causas nobres, quer de sua cidade, quer de sua Pátria.

Formado, como seu pai Augusto César Franco, na Escola de Engenharia, em 1954, registra seu primeiro passo na vida política através do Diretório Acadêmico de Engenharia. A convite do reitor Dr. Moacir Borges de Mattos, em 1966, foi designado para integrar a "Comissão de Planejamento do Campus Universitário". Ao assumir a Presidência da República, entre 1992 e 1994, período em que colocou o Brasil na rota da estabilidade e da probidade política, o presidente Itamar, novamente, se reencontrou com a Universidade Federal de Juiz de Fora, apoiando importantes causas que contribuíram para reafirmar nossa missão. Entre essas se destacam a aquisição do Cine-Theatro Central, casa de espetáculos de referência nacional, singular modelo de arquitetura e ícone do patrimônio material da terra de Pedro Nava; e a criação do Centro de Estudos Murilo Mendes, hoje Museu de Arte Murilo Mendes, que abriga a biblioteca e a coleção de artes visuais deste grandioso poeta. A implantação desse espaço cultural, como ele sempre fazia questão de ressaltar, deve-se também à valiosa contribuição do embaixador José Aparecido de Oliveira e do então ministro da Educação, Murílio de Avellar Hingel.

Sempre incansável lutador, em 2008, atendendo à nossa solicitação, o presidente Itamar Franco firmou um convênio que é o embrião da doação do seu acervo histórico-cultural, formado ao longo de sua vida pública, para a Universidade Federal de Juiz de Fora. Essa intenção de doação, manifes-

tada em carta de 9 de novembro de 2010, foi submetida ao egrégio Conselho Superior da Universidade, que a aprovou por unanimidade, autorizando, desse modo, a criação do Memorial da República Presidente Itamar Franco.

Muitos laços afetivos unem a história do presidente Itamar à nossa Universidade. Sonhos se tornaram realidade em razão dessas aproximações. Sem sua contribuição, certamente, nossa história seria menor. Sua contribuição à Pátria nos aliviou na travessia dos anos 90. Sem o presidente, seria quase impossível a consolidação da democracia. Por seu desempenho incansável e ético na luta constante a favor dos brasileiros, o presidente Itamar Franco sempre permanecerá como referência. Orgulham-se a Pátria, que possui este filho! Orgulham-se seus familiares, amigos, conterrâneos de ter compartilhado de sua vida e de hoje podermos lhe conferir esta homenagem que celebra sua vida, sua lição e seu exemplo.

A Universidade Federal de Juiz de Fora, primeira escola política do presidente Itamar Franco, se enaltece em saber que o próprio presidente tenha manifestado, ainda em vida, o desejo de que fosse esta a instituição a guardar o seu acervo, memória de sua vida pública. [...] Honrar sua memória, por extensão, é honrar a memória de tantos brasileiros, nominados ou anônimos, que tudo fizeram para engrandecer o nome da Pátria. [...] Maior que o seu legado é seu exemplo. Obrigado, presidente, governador, senador, embaixador e prefeito Itamar Franco.

Henrique Duque de Miranda Chaves Filho
Reitor da Universidade Federal de Juiz de Fora

Discurso proferido na solenidade de assinatura do termo de criação do Memorial da República Presidente Itamar Franco

CULTURA PRÁTICA E APRENDIZADO

Escolher qual o caminho a seguir às vezes não é o suficiente. Conhecer a trajetória que será percorrida e a rotina da profissão desejada faz parte do processo de aprendizado e, claro, da escolha difícil que os jovens fazem quando decidem qual carreira vão abraçar. Na graduação, estágios, intercâmbios e programas de treinamento profissional compõem o leque de recursos que enriquecem o currículo de quem dá os primeiros passos rumo à vida profissional, contribuindo para o exercício e o aprendizado fora das convencionais salas de aula. No laboratório, as pedras do caminho se revelam, assim como os prazeres e a gratificação de se fazer o que se gosta.

Na Pró-reitoria de Cultura, futuros *designers*, jornalistas, pedagogos, historiadores, turismólogos, entre outros, encontram no Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), no Cine-Theatro Central e na própria Pró-reitoria a oportunidade de aplicar o que aprendem em sala de aula e de conviver com a rotina de suas futuras profissões, através de bolsas de iniciação ao trabalho.

Além de enriquecerem o currículo, as bolsas são uma experiência única, define a bolsista do MAMM, Ana Luisa Affonso, que está terminando o bacharelado no curso de Artes. "O que aprendi nas aulas pude exercer na prática. Desde o início da faculdade, queria trabalhar com arte e educação, e as atividades no MAMM confirmaram a decisão", afirma Ana Luisa, que trabalha no setor Educativo do Museu.

Para quem trabalha diretamente com estes futuros profissionais, a mudança pode ser percebida na vida acadêmica. Para Jhonatan Mata, professor da Faculdade de Comunicação Social da UFJF, os alunos adquirem mais responsabilidade e contato com o mercado, fator que considera extremamente importante. Na opinião do também professor da Facom Paulo Roberto Figueira Leal, bolsas de treinamento profissional e iniciação científica possibilitam ganhos do ponto de vista profissional, mesmo para aqueles que não querem seguir na vida acadêmica.

Proprietário de uma empresa de comunicação, Adriano Santana acredita que o estágio, ainda que breve, é um diferencial no que diz respeito ao conhecimento que o candidato tem do ambiente de trabalho e da postura diferenciada que esta situação exige. A empresária Ana Magalhães avalia que "realizar um estágio contribui para a formação profissional como um todo, principalmente se o estudante tiver feito estágio na área em que vai desempenhar a nova função". Segundo ela, com essa experiência o profissional terá sempre o que contribuir para os projetos desenvolvidos.

COLHENDO BONS FRUTOS

Vinicius Steinbach, de 23 anos, foi bolsista e agora trabalha no MAMM. Quando era aluno do curso de Artes na UFJF, Vinicius se informou sobre as oportunidades de bolsa oferecidas pela Pró-reitoria de Cultura em sua área de interesse. Na divisão de expografia do museu, teve contato direto com obras de grandes artistas, além do privilégio de poder acessar todo o acervo da instituição: "O contato com o acervo e com o trabalho desenvolvido no MAMM foi o pontapé para me dedicar à oportunidade que é a bolsa de treinamento profissional". Ali ele encontrou o cenário ideal para aprender.

Segundo Vinicius, o trabalho realizado pelo bolsista é um retrato fiel da rotina dos profissionais. "As mesmas dinâmicas, informações e grande parte do trabalho, eu conheci como bolsista. Existe uma participação direta do aluno nas atividades realizadas, fator importante para que eu soubesse dos aspectos positivos e negativos da profissão." O bom desempenho de Vinicius e seu conhecimento prévio das atividades desenvolvidas contaram para que ele, formado em meados de 2010 e diante da oportunidade de contratação, ocupasse uma vaga, abrindo-lhe as portas para o trabalho formal no setor Educativo do museu.

diálogos abertos

a memória cultural da cidade

Museu de Arte Murilo Mendes



ARTHUR ARCURI

Engenheiro por formação, arquiteto por paixão e talento. Autor de projetos como o campus da UFJF, a Santa Casa de Misericórdia e o Marco do Centenário de Juiz de Fora, Arthur Arcuri é considerado o pioneiro da arquitetura moderna na cidade – e um dos pioneiros no Brasil, ao lado de Lucio Costa e Oscar Niemeyer, com quem conviveu. Em 11 de dezembro de 2007, aos 94 anos, Arthur Arcuri prestou depoimento sobre sua trajetória ao projeto Diálogos Abertos, quando, entre outros temas, falou da amizade com o poeta Murilo Mendes, o paisagista Burle Marx e os pintores Candido Portinari e Di Cavalcanti.

MURILO MENDES

Devo a Murilo Mendes todo o meu relacionamento com os grandes intelectuais e artistas do Brasil, por ter me acompanhado em todos os meus afazeres e me ajudado em muitas coisas. Minha participação na exposição *Arquitetura Brasileira*, que correu as principais capitais da Europa, só foi possível porque Murilo me solicitou que lhe enviasse negativos de algumas obras, e, felizmente, tive três incluídas na exposição.

FORMAÇÃO

Minha formação em engenharia se deve à ligação que tinha com meu pai, construtor em Juiz de Fora. Gostava de arquitetura e a ela me dediquei porque pensava que um mau engenheiro faz menos mal do que um mau arquiteto. Meus sobrinhos Hugo e Anísio Arcuri estudaram na Escola de Arquitetura do Rio de Janeiro, a antiga Escola de Belas Artes, onde era assíduo da biblioteca, que recebia um grande número de revistas estrangeiras, através das quais fui adquirindo conhecimento da arquitetura moderna.

CASA INVERTIDA

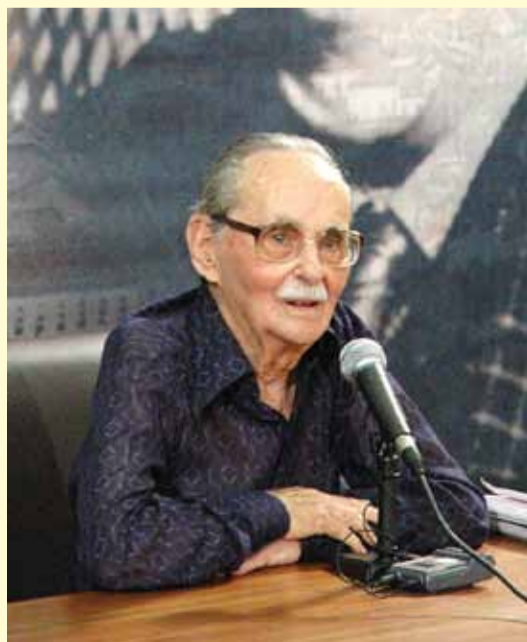
Na casa do Reginaldo [irmão de Arthur Arcuri], como o terreno era bom, fiz o que chamei de casa invertida: pus a cozinha e a garagem na frente da casa; a garagem tampa a cozinha, que fica à esquerda e, à direita, a sala de jantar. Em seguida, vem a sala de estar e depois um grande jardim, com um lago, para dar prazer a quem ficasse em casa à noite. Parece que, devido à construção dessa casa, estabeleceu-se na cidade uma preferência, de amigos e até de desconhecidos, por projetos elaborados por mim.

ARQUITETURA MODERNA

Felizmente, pude acompanhar tudo isso através das várias revistas especializadas, nacionais e estrangeiras que assinava. Estava sempre em contato, acompanhando o que se fazia no resto do mundo em arquitetura moderna. O Brasil teve importância nessa época porque os arquitetos brasileiros souberam aproveitar a vinda do Corbusier e desenvolveram um estilo de arquitetura que se tornou famoso no mundo inteiro. Na Enciclopédia Labordieur há um capítulo sobre a arquitetura brasileira, e nele se referem a mim como um dos iniciadores da arquitetura moderna no Brasil.

FOTOGRAFIA

Penso que minha maior mestra foi a fotografia – a primeira arte à qual me dediquei. Quando estudava no Rio, era sócio do Foto Clube Brasileiro, que tinha sede na Avenida Rio Branco. Lá aconteciam encontros com companheiros, expúnhamos coletivamente, fazíamos exposições individuais; tínhamos até um salão de fotografia de arquitetura, através do qual tive uma foto publicada em revista francesa. Esse contato com a fotografia, o estudo da estética e a seriedade com a qual lidei com o problema da composição com o resto das coisas me fizeram refém da arquitetura. Mas devo dizer o seguinte:



nunca percebi um só tostão pelos projetos que fiz em toda a minha vida. Foram todos por amor à arte.

ARQUITETURA DO INTERIOR

A minha arquitetura não era a fachada; para mim, a arquitetura era o interior da casa, quer dizer, primeiro me preocupava com a orientação do sol em relação às construções, porque Juiz de Fora, naquela época, era muito fria, não havia ainda asfalto. Observei que na Avenida Rio Branco, entre o Norte e o Sul tinha uma diferença de quatro graus na temperatura. [...] Na Santa Casa de Misericórdia, tivemos que dar uma determinada orientação ao projeto visando a que as enfermarias dos doentes recebessem um pouco de sol em novembro; por isso aquela orientação Norte/Nordeste que a edificação tem. Aliás, esta é a orientação ideal para Juiz de Fora, mas nem sempre é possível obedecê-la. Quase fomos impedidos de construir o prédio da Santa Casa inclinado em relação à rua pela Prefeitura. Em meus projetos, colocava os quartos, sempre que possível, para o Norte a fim de que recebessem um pouco de sol no inverno.

MARCO DO CENTENÁRIO

Mostrando ao Lucio Costa a maquete, ele me sugeriu que desse uma leve curvatura no final. A curva do marco, devo ao Lucio Costa. A minha ideia era fazer um marco que fosse totalmente abstrato. Pedi ao Oscar Niemeyer que me apresentasse ao pintor que fazia murais geométricos no Rio de Janeiro, porque colocar um desenho geométrico na parte traseira do marco – na frente era azul e tinha aquela placa suspensa, que hoje não está mais suspensa, está parafusada. Um dia, Oscar Niemeyer, no seu escritório, me apresentou ao Di Cavalcanti. Ficamos conversando à espera de Oscar, que, ao chegar, me perguntou se já havíamos chegado a um acordo; respondi negativamente. Ele argumentou que o Di estava precisando, pediu que desse a ele o trabalho porque ele estava necessitando etc. Convencido, combinei com o Di, e ele me mandou dois desenhos, escolhi um, mas foi necessário inverter a imagem, virando-a para o lado menor; tenho uma carta dele me autorizando a invertê-la. E assim foi feito o marco, que foi inaugurado no ano seguinte ao centenário, porque o Dilermando não tinha verba, e eu conseguira apenas sete mil na moeda da época, com os quais pagamos o Di Cavalcanti.

BURLE MARX

Realmente, sempre estive muito influenciado pelo trabalho de Burle Marx, mas não mostrava para ele meus projetos de residência, só mostrei o projeto do Marco do Centenário, a forma do lago e a forma do jardim em volta, que ele aprovou sem nada sugerir ou tecer críticas. Era admirável ver Burle Marx desenvolver aqueles jardins, não só pela forma escultórica, mas também pela pictórica, jogando plantas de cores diferentes, umas contra as outras. Era bom ver e apreciar.

PORTINARI

Frequentei muito o *atelier* dele nos fins de semana, e conheci lá grandes artistas, inclusive o Villa-Lobos. Nos fins de semana, sábados e domingos, muita gente se reunia para bater papo em seus apartamentos. Na revolução, o Portinari era tido como extremista e, por isso, resolveu ir para a França; expôs na França, mas, por não ter sido muito bem-aceito e recebido, resolveu voltar ao Brasil. Com Edson Mota, fui visitá-lo no Rio de Janeiro quando de seu retorno. Na ocasião, contei a ele que havia comprado um desenho dele, *O menino de Brodósqui*. Lamentou a compra porque teria feito um preço mais em conta para mim. Agradei e disse que aguardaria uma oportunidade para adquirir um quadro dele, mas nunca mais estive com ele. Infelizmente.



MAURICIO DE SOUSA, A Consagração do Imperador Cascão I, 1995, acrílica sobre tela

ARTE 'HISTÓLIA EM QUADRLÕES'

Tamanho é documento. Ou pelo menos é esta a premissa que invadiu o Museu de Arte Murilo Mendes este mês, enquanto o espaço recebe a exposição *História em Quadrões – Pinturas de Mauricio de Sousa*. A mostra – uma parceria entre a Pró-reitoria de Cultura da UFJF e a Produção do cartunista – traz os famosos personagens da Turma da Mônica em poses e situações que parodiam obras-primas da história da arte. A exposição fica em cartaz até 11 de setembro de 2011.

Literalmente pintando o sete, Mônica, Cebolinha, Magali, Cascão, Chico Bento e vários outros da Turma fazem arte nas paredes do MAMM e estimulam jovens e crianças à visita dos espaços que recebem a exposição por todo o Brasil. A mostra, porém, não é só para os “pequenos”: gente grande é muito bem-vinda. Nas palavras do desenhista, o foco é levar a criançada a frequentar os museus. “Minhas releituras

das obras são acompanhadas pela história do autor e por uma cópia do quadro original. A partir daí, o visitante sai pelo museu e aproveita para ver outras maravilhas da cultura mundial.”

Temporariamente fora dos quadrinhos, os personagens de Mauricio brincam de personagens de Michelangelo, Renoir, Monet, Van Gogh e Portinari. Entre o sorriso enigmático de *Mônica Lisa* (*Mona Lisa*, Leonardo da Vinci) e a concentração que paira em *A Lição de Anatomia do Dr. Franjinha* (*A lição de anatomia do Dr. Nicolaes Tulp*, Rembrandt), outras 20 obras compõem a mostra. Além dos “quadrões”, criados em acrílica sobre tela, divertidas esculturas despertam a curiosidade dos visitantes. Esculpido, Cebolinha assume dois importantes papéis: o Pensador, de Rodin, e Davi, de Michelangelo. Enquanto isso, do lado das meninas, Magali é *Vênus de Milho* (*Venus de Milo*) e Mônica é uma das bailarinas de Edgar Degas.

MAURICIO DE SOUSA O CRIADOR

Parte de sua infância, Mauricio passou desenhando e rabiscando em seus cadernos escolares. Os mesmos traços passaram a ilustrar cartazes de comerciantes na cidade paulista de Mogi das Cruzes. Em 1959, quando ainda atuava como repórter policial do jornal *Folha da Manhã*, em São Paulo, o então jornalista criou a primeira tirinha com o cãozinho Bidu, seu primeiro personagem, ao lado de Franjinha. A partir daí, vieram Cebolinha, Piteco, Chico Bento, Penadinho, Horácio, Astronauta, enfim... até que, em 1970, a revistinha da Mônica chegou às bancas.

Qual o mérito da Turma para ter se sobressaído aos quadrinhos estrangeiros como os da Disney e da Marvel?

Diversos fatores podem ter auxiliado a Turma da Mônica a se sobressair e manter a popularidade durante mais de meio século. Talvez um dos motivos mais importantes seja a turminha estar sempre atenta com o que acontece no terreno da comunicação. Principalmente a comunicação endereçada às crianças. Fora o carinho, a atenção e o grafismo usados em todos os produtos que saem dos nossos estúdios, em especial nas histórias em quadrinhos, nosso cartão de visitas.

Como e qual é a importância de transpor a realidade brasileira para os gibis?

Primeiramente, é superprazeroso poder contar uma história “em brasileiro”, escrita originalmente para brasileiros. Depois, é muito agradável e importante nossas histórias bem brasileiras serem publicadas e lidas por crianças de outros países com o mesmo entusiasmo e alegria. Com as historinhas, estamos abrindo portas para nos conhecerem melhor e em seguida adquirirem nossos produtos industriais.

Quais os impactos que os personagens adolescentes causaram na busca por novos leitores?

Foi um choque, no início, para os mais novos e para os adultos que haviam se acostumado com os personagens crianças. Jovens e crianças receberam maravilhados as novas histórias em novo formato. Alguns adultos se mantiveram reticentes – até reclamaram –, enquanto outros cederam e tornaram-se novos leitores (de novo).

Há planos de novas criações nas animações e nos longas?

Há uma série de novos projetos que implica na produção de desenhos animados, em 2D e 3D, para TV e exportação. Os longas, por



enquanto, estão suspensos até que consigamos negociar melhor com distribuidores e exibidores do país.

Os novos projetos têm se adequando às novas tecnologias que surgem constantemente?

Totalmente. Para tanto, fizemos parceria com a produtora Digital 21, para juntos, numa empresa nova chamada Mauricio de Sousa Digital Productions, produzirmos material com a mais moderna tecnologia. Já estamos produzindo. A primeira série para TV será a do fantasma Penadinho.

É possível eleger um personagem preferido entre tantos criados?

Isso é mais com o público, que no início elevou o Cebolinha como principal, a partir das histórias do Bidu e do Franjinha. E o mesmo público elevou a Mônica, que saiu das histórias do Cebolinha. A Mônica tem se mantido; mas pode ser que um novo personagem faça frente a ela. Depende do público, da reação, da preferência.

O período em que se dedicou ao jornalismo influenciou de alguma forma os roteiros?

Sem dúvida. Aprendi a escrever de maneira mais direta, sucinta, no jornalismo, o que me ajudou na hora de condensar mensagens nos balões das HQ.

Desenhar e contar histórias são ofícios bem distintos. Qual o segredo para trabalhá-los lado a lado?

Depois que se acostuma a usar as duas técnicas, vira uma facilidade. Mas, realmente, são artes distintas que nos obrigam a conhecer bem o que de melhor circula em desenho e texto. Raros quadrinistas fazem as duas coisas.

De onde parte a preocupação com problemas sociais que resultam, inclusive, em edições especiais de revistas?

Da minha possibilidade de usar nossa técnica de comunicação (arte e personagens fortes) para falar como cidadão.

Você considera que os gibis são um meio de transmitir boas mensagens aos “pequenos”?

É uma das melhores formas de se comunicar a leitores – de todas as idades –, de maneira fácil e eficiente, qualquer mensagem.

Gabriel Miranda



UNIÃO E INDÚSTRIA 150 ANOS

Um dos caminhos que conduziram Juiz de Fora ao desenvolvimento recebeu o nome de Estrada União e Indústria e está completando 150 anos. A rodovia, inaugurada em 23 de junho de 1861 por Dom Pedro II, levou cinco anos para ser construída e logo se tornou um marco para a engenharia nacional pelas inovadoras técnicas utilizadas. Interligando Minas Gerais ao Rio de Janeiro, a estrada faz o trajeto de Juiz de Fora a Petrópolis e é marcada por 12 estações, que, no século XIX, serviam às paradas para troca de mulas e descanso dos passageiros – e hoje indicam as muitas cidades que a rota favoreceu.

Político e empresário, Mariano Procópio Ferreira Lage recebeu, em 1854, concessão por 50 anos para construção e manutenção da rota. Ao empregar a técnica da macadamização – disposição e compactação de três camadas de pedras com valas laterais a fim de conferir à pista boa drenagem e durabilidade –, Mariano edificou a mais moderna rodovia brasileira. “A União e Indústria colocou Juiz de Fora no mapa brasileiro. A cidade pacata e agrária, onde se chegava a pé ou a cavalo por trilhas intransitáveis – em boa parte do ano – do velho Caminho Novo, viu-se ligada ao mundo pela mais moderna rodovia do Brasil”, analisa o pesquisador Vanderlei Tomaz.

PIONEIRISMO

A iniciativa pioneira só foi possível graças à grande influência política de seu mentor, que recebeu apoio do governo imperial e fundou a Companhia União e Indústria, que arrecadava fundos para a obra através da cobrança de pedágio. “O Mariano Procópio não era apenas um empresário que pensava em lucros. Investiu em jardins, em arquitetura, em cultura, e deixou resultados não só na estrada, mas em diversos outros setores”, aponta Douglas Fasolato, diretor da Fundação Museu Mariano Procópio, instituição fundada por Alfredo Ferreira Lage, filho de Mariano.

O nome do empreendimento faz alusão à união entre as províncias e à indústria do café e outras que fossem estimuladas pelas estradas. Confirmando a magnitude e a relevância do projeto, Mariano Procópio também fundou a Colônia D. Pedro II (hoje, bairros São Pedro e Borboleta), destinada a imigrantes germânicos que vieram trabalhar na construção da rodovia, e a Escola Agrícola União e Indústria, que subsidiava a formação de novos profissionais para a promissora região. “A estrada está na fase inicial de formação da cidade e foi um vetor importante de desenvolvimento”, considera Fasolato, lembrando que, à época de construção, o pequeno lugarejo vivia a recente promoção de distrito a vila, com o então nome de Santo Antônio do Juiz de Fora.

Um dos maiores legados do traçado faz referência ao grande número de imigrantes que Juiz de Fora recebeu à época das obras. Engenheiros, técnicos e operários, em sua maioria alemães, ampliaram a população, que somava então apenas algumas centenas de habitantes, trazendo força de trabalho e empreendedorismo. A circulação entre Minas e Rio, que até então era restrita à passagem das riquezas minerais pelo Caminho Novo, possibilitou grandes investimentos na cidade, que anos depois foi considerada a Manchester Mineira pela rápida e prolífica industrialização.

Atualmente, além de ter grande parte de sua rota pavimentada em concreto asfáltico, a União e Indústria tem na estação de Monte Serrat, distrito de Comendador Levy Gasparian, a sede do Museu Rodoviário, o qual preserva a história da estrada e reconta o processo evolutivo dos transportes que trafegaram por ela. Hoje, a rodovia integra os sistemas rodoviários estaduais de Minas Gerais e Rio de Janeiro e uma pequena parte foi absorvida pela BR-040. Ornado por grandes árvores, pedras e pelas montanhas mineiras, ao caminho resta uma bela história que conjuga crescimento e pioneirismo.

MM

LEITURAS TEMÁTICAS INVESTIGAÇÃO DA ARTE

Ao ser erguido ainda na década de 60, o edifício construído para sediar a Reitoria da Universidade Federal de Juiz de Fora, e que então abriga o Museu de Arte Murilo Mendes, foi estrategicamente pensado pelo arquiteto Décio Bracher para ser bem mais que uma obra limitada a guardar gabinetes e escritórios. Hoje, o espaço serve não somente de abrigo para o importante acervo do poeta, como também de inspiração para inúmeros projetos idealizados pela Pró-reitoria de Cultura, que, a cada dia, amplia o acesso do público às atividades culturais propostas pelo Museu.

Com o propósito de divulgar trabalhos de investigação da arte, o projeto *Leituras Temáticas* representa, ao lado de outras ações do Museu – como *Cinemamm*, *Diálogos Abertos* e *Musicamm* –, os princípios da Pró-reitoria de Cultura na difusão do conhecimento e ampliação do acesso do público às diversas atividades culturais propostas. O *Leituras Temáticas* convida pesquisadores, professores e alunos de instituições de ensino a discutirem seus temas de pesquisa, permitindo a transformação da realidade social, oportunizada pelos trabalhos acadêmicos.

Em agosto, o projeto recebe o escritor Juliano Nery, que elegeu o MAMM para lançar seu romance *Um livro, um filho, uma árvore*. “Estudei na UFJF, e tudo o que remete à instituição me traz boas lembranças. É a segunda vez que escolho este espaço para lançar minha obra”, lembra. Em 2010, Juliano fez a divulgação do livro *Deus sabe de tudo e não é dedo duro* também no Museu.

Ao promover palestras, *workshops*, seminários e lançamentos de livros, o Setor de Difusão Cultural do MAMM incentiva a pesquisa da

arte e o diálogo universidade/sociedade, ampliando o espaço do museu para além de seus limites. Criado no ano de 2007, o projeto centra suas ações, inclusive, em publicações e cursos de extensão, aperfeiçoamento e especialização, o que intensifica a relação do Museu com a comunidade.

Ao longo de quatro anos, o projeto promoveu quase cem eventos. Vários autores de dentro e fora do circuito cultural da cidade lançaram suas obras no museu, como Leda Nagle (que retorna este mês ao MAMM), Leila Barbosa, Marisa Timponi, Iacyr Anderson Freitas, Fernando Fiorese, Luiz Ruffato e Zuenir Ventura. Entre os homenageados dos seminários que incitam a discussão acadêmica, estão Euclides da Cunha, Machado de Assis, Guimarães Rosa e, claro, Murilo Mendes. “A Pró-reitoria de Cultura foi muito feliz na criação deste espaço”, assegura Juliano Nery, que acredita na gama de bons escritores que a cidade produz e que precisam deste contato com a comunidade. “Os lançamentos de livro são sempre uma oportunidade, ainda que necessitem ser melhor divulgados... que a população não se intimide em romper as fronteiras da universidade.”

Em palestras, oficinas, simpósios e conferências, o *Leituras Temáticas* ainda recebeu as presenças do jornalista cultural Daniel Piza, da escritora Rachel Jardim, da bailarina Tatiana Leskova, do grupo de teatro Galpão e do estilista João Braga, entre outros grandes nomes da cultura nacional. O projeto garante entrada gratuita a todos os espectadores interessados não só em artes plásticas, mas também em literatura, moda, educação, música, enfim, todas as manifestações culturais possíveis.

Gabriel Miranda

AGENDA

CINE-THEATRO CENTRAL
Praça João Pessoa, s/nº.
(32) 3215-1400
www.theatrocentral.ufjf.br

06.08, 21h *Savassi Festival*
10.08, 20h *Correntezas*,
Hérmanes Abreu,
Projeto Sérgio Lessa
21.08, 17h *A Bela e a Fera*, Isto
Cia. Teatral, Projeto Sérgio Lessa
28.08, 19h *Rafinha Bastos*

MAMM
MUSEU DE ARTE
MURILO MENDES
Rua Benjamin Constant, 790
(32) 3229-9070
www.ufjf.br/mamm
Terça a sexta: 10h às 18h
Sábados e domingos: 13 às 18h

EXPOSIÇÕES
História em Quadrões, Pinturas de
Maurício de Sousa
Galeria Convergência
Os personagens d'A Turma da Mônica
estão reunidos em releituras de grandes
obras-primas da história da arte mundial

Convergências Poéticas
Galeria Retratos-relâmpago
Reflexo de Murilo em sua busca pelo
conhecimento, a pesquisa de Renato
Bressan propõe uma mostra multimídia e
interativa

Os mistérios da paleta, Jorge Guinle
Galeria Poliedro
A inquietação de Guinle foi responsável
pelo amplo repertório que o artista
apresenta e que ilustra as obras criadas
com diversas técnicas sobre o papel

DIÁLOGOS ABERTOS
27.08, 16h *Leda Nagle*

MUSICAMAMM
12.08, 21h *Jorge Mautner e Nelson*
Jacobina, participação especial de
Rubinho Jacobina
25.08, 20h *Luizinho Lopes*

CINEMAMM
14, 17, 21 e 24.08, 19h (quartas)
e 16h (domingos) *Mostra Sandrine*
Bonnaire

LEITURAS TEMÁTICAS
04.08, 19h30 Lançamento de
Passeio de barco, de Mônica
Hortega
12.08, 19h30 Lançamento de *Um*
Livro, um Filho, uma Árvore, de
Juliano Nery
27.08, 19h Lançamento de *De*
Minas para o mundo, de Leda
Nagle
29 a 31.08, 14h *I Seminário de*
moda, cultura e arte

ARTE-EDUCAÇÃO
06.08, 10h *I Encontro Laboratório*
Avançado em Design
12.08, 15h *Giro Jovem*, Programa
Poupança Jovem



CENTRAL RETRATO DE ÉPOCA

Um clique e fez-se eterno um instante no cinema da cidade. Uma fotografia, que, de forma breve, guardou a euforia dos que acabaram de assistir a um filme. Guardada no enorme acervo iconográfico do ex-funcionário do Cine-Theatro Central Waltencir Parizzi, a fotografia, que mostra o fim de uma das sessões do filme *Rose Marie*, descortina inúmeros costumes que envolvem o cinema e Juiz de Fora no ano de 1937. Do luxo dos espectadores à majestosa fachada do maior cinema local, a imagem revela uma época em que estar diante da sétima arte era um importante evento social.

Relíquias como essa imagem remontam a um passado do qual Parizzi muito se orgulha. "Tenho uma coleção de recortes e programação, que fiz com minhas próprias mãos. Fui colando em livros grandes, com grude", revela o senhor de invejável memória. "Fiz dois ou três álbuns com a história do cinema na cidade", completa, referindo-se a uma parte do acervo que doou para a Universidade Federal de Juiz de Fora como forma de agradecimento pelo trabalho que durou toda a sua vida profissional, e no qual assumiu variadas funções, de bilheteiro a produtor.

Das lembranças de Parizzi sobressai o clima efervescente de um cinema hollywoodiano em franca ascendência. "As pessoas se arrumavam muito para ir ao cinema. A frequência era grande. Aquilo era um grande acontecimento", rememora.

PELÍCULAS

O filme em cartaz naquela noite especialmente movimentada, fixada pela fotografia, retratava mais um romance proibido, ao estilo dos filmes da época, com a novidade de deixar para trás a poética do cinema mudo. Estrelado por Jeanette MacDonald, a grande musa dos musicais norte-americanos, e por seu fiel parceiro na telona, Nelson Eddy, o longa-metragem foi produzido e distribuído pela Metro-Goldwyn-Mayer, marca eternizada pelo uso de um leão em sua logomarca.

Voltando 74 anos no tempo, vê-se no letreiro rodeado por luzes o nome dos atores, tão grandes quanto o título do filme. Como hoje, naquela época também existia uma grande fidelização aos intérpretes, garantia de sucesso de público tanto para os produtores de Hollywood quanto para os coordenadores das agendas dos cinemas.

Em letras menores no letreiro aparece o nome do diretor W.S. Van Dike, um dos mais versáteis e rápidos profissionais da MGM. Tendo iniciado sua carreira em 1917, foi o responsável pelo primeiro encontro de Jeanette e Eddy, em *Oh! Marietta*, opereta de retumbante sucesso à época. "Essa é a época de ouro de Hollywood, dos grandes musicais, que iriam

declinar na década de 50. Apesar de se tornarem, posteriormente, mais complexos, os musicais dessa época eram muito simples, grandes números de dança entremeados por uma historinha", explica o cineasta e pesquisador Franco Groia.

INSTANTÂNEOS

Atento ao fotógrafo, que disparou seu flash contra a multidão, o público reunia elegantes homens e mulheres das mais variadas idades. O alinhado, já presente no uniforme dos porteiros – jaqueta cinza com botões dourados, camisa branca, calça azul marinho e sapatos pretos –, também era percebido na plateia. Os homens vestiam ternos, gravatas e chapéus, sem esquecer o famoso lenço no bolso. As mulheres mostra-

vam estar em consonância com as últimas tendências parisienses, trajando conjuntos de passeio em seda estampada ou crepe georgette, golas jabot e laços, além de charmosos chapéus, ora indiscretos, ora reservados.

Embora toda a pompa sugira elitismo, o cinema não era uma atração cara. De acordo com Franco Groia, a maioria dos frequentadores de cinema era formada por operários, pessoas simples. "O cinema tinha um poder de massa. Era um entretenimento da grande família, muito barato, da comédia leve de fácil assimilação", analisa, apontando as poucas opções de lazer da época.

Um olhar atento ao primeiro plano da fotografia permite confirmar o ar cerimonioso da sessão, bem como de qualquer outro passeio que se fizesse no trajeto da Rua Halfeld. Com sofisticados hotéis e cafés, além de filiais de famosas lojas cariocas, a rua demonstrava o apreço pela Europa, vivido por uma cidade cuja arquitetura rumava para o *art déco*. A iluminação que ornava a Praça João Pessoa ressaltava o estilo que conjugava formas geométricas e simplicidade de suportes.

Inserido no instante fotográfico, tornou-se eternizado no canto direito da imagem um dos maiores selos fonográficos da América. Criada em 1929, a RCA Victor foi responsável por grandes transações no circuito musical e manteve em seu elenco nomes como Elvis Presley e David Bowie. No Brasil, lançou Nelson Gonçalves e outros ídolos da música popular, embalando um veículo que disputava público com a tela grande.

Lugares e pessoas revelados por um clique, como se a fotografia extrapolasse seu papel de registro, assumindo-se como documento, retrato de costumes e práticas de uma época. Numa ironia, a fotografia contando o cinema. Reproduzindo Cartier-Bresson, é possível acreditar que, "de todos os meios de expressão, a fotografia é o único que fixa para sempre o instante preciso e transitório".

MM

